



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Direito/ Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

JACY NAZARÉ RODRIGUES MAGALHÃES

O RESSURGIMENTO DA RELIGIÃO NA POLÍTICA: análise da influência da igreja neopentecostal na política brasileira e suas repercussões nas eleições de 2018

**BRASÍLIA
2021**

JACY NAZARÉ RODRIGUES MAGALHÃES

O RESSURGIMENTO DA RELIGIÃO NA POLÍTICA: análise da influência da igreja neopentecostal na política brasileira e suas repercussões nas eleições de 2018

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Raphael Spode

**BRASÍLIA
2021**

JACY NAZARÉ RODRIGUES MAGALHÃES

O RESSURGIMENTO DA RELIGIÃO NA POLÍTICA: análise da influência da igreja neopentecostal na política brasileira e suas repercussões nas eleições de 2018

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Raphael Spode

BRASÍLIA, 31 DE MARÇO DE 2021

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família, por me incentivar, desde criança, a questionar o que está à minha volta e me expor a um ambiente livre para discussões políticas e religiosas. Principalmente, a minha mãe (Lenita) e meu tio (Veloso), se não fosse por nossas conversas, sobre religião e política, em especial durante a pandemia do novo Coronavírus, eu não teria me questionado a ponto de escolher esse tema; do qual descobri que tem grande influência na minha vida. Meu orientador Rafael Spode que me ajudou a entender melhor o rumo do meu trabalho e me deu todas as ferramentas possíveis para tornar esse trabalho possível. Por último, gostaria de agradecer minha amiga Rebeca, que foi um grande apoio durante esse trabalho e me incentivou a persistir no tema, que para mim foi difícil, não só para produzir, mas também na esfera pessoal, já que precisei analisar e rever a minha visão sobre o assunto.

A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo.
(KARL MARX)

RESUMO

Nos últimos anos o mundo tem testemunhado o ressurgimento da força religiosa, em especial a neopentecostal, que saindo de uma posição marginalizada, passou a ganhar espaço na mídia, alcançando fiéis com a promessa de que os “escolhidos” herdarão o reino dos céus ainda em vida (prosperidade e felicidade). Essa promessa vem com a narrativa de uma luta pela moral, família e pela vida, que irá acabar com as ansiedades que a nossa sociedade enfrenta. A força que esses discursos ganharam alcançou a esfera pública permitindo o ressurgimento de um conservadorismo cristão na política. O Brasil, assim como muitos países da América Latina estão vivenciando um mesmo ressurgimento político cristão. A influência religiosa neopentecostal conseguiu consolidar uma direita cristã forte, capaz de eleger Jair Bolsonaro como presidente do Brasil, nas eleições de 2018, o que levou a muitos questionamentos em relação ao Brasil, sua sociedade, suas políticas internas e externas.

Palavras-chave: Brasil; Bolsonaro; Bancada Evangélica; religião; eleições presidenciais; neopentecostal.

ABSTRACT

In recent years, the world has witnessed the resurgence of the religious force, especially the neo-Pentecostal one, which, leaving a marginalized position, started to gain space in the media, reaching believers with the promise that the “chosen ones” will inherit the kingdom of heaven still in progress life (prosperity and happiness). This promise comes with the narrative of a struggle for morals, family, and life, which will end the anxieties that our society faces. The strength that these speeches have gained has reached the public sphere allowing the resurgence of Christian conservatism in politics. Brazil, like many countries in Latin America, is experiencing the same Christian political resurgence. The neo-Pentecostal religious influence managed to consolidate a strong Christian right-wing politicians, capable of electing Jair Bolsonaro as president of Brazil, in the 2018 elections, which led to many questions regarding Brazil, its society, in its internal and external policies.

Keywords: Brazil; Bolsonaro; protestant right-wing; religion; presidency elections; neo-Pentecostal.

SUMÁRIO

Introdução	7
1. O papel da ideologia nas relações internacionais	9
1.1 Religião e a necessidade de pertencimento em uma realidade pós-moderna	11
1.2 Histórico de Igreja e Poder no Brasil	13
2. Igreja Neopentecostal na política brasileira	16
2.1 Bancada evangélica e como ela se configura	19
2.2 Comunidade evangélica brasileira e as eleições de 2014	20
3. Tensões políticas e a ascensão de Jair Bolsonaro	23
3.1 Jair Bolsonaro: aliança com a Bancada Evangélica e a direita conservadora	24
Considerações finais	27
Referências Bibliográficas	28

INTRODUÇÃO

A influência da religião evangélica-protestante (neopentecostal) no Brasil cresce, e cada vez mais ganha adeptos, influenciando nas escolhas de representantes políticos e “evangelizando” a política brasileira (CASARÕES, 2020). Assim, há uma bancada forte no Congresso, alinhada, atualmente, à direita conservadora, que elegeu Jair Bolsonaro em 2018.

O estudo desse caso busca compreender o fenômeno causado pela influência da igreja neopentecostal e definir limites entre ela e o contexto das eleições de 2018 e suas repercussões (YIN, 2015, p. 32). Apesar de ser um *estudo de caso*, os experimentos deste método são generalizáveis, então esse trabalho irá fazer uma generalização analítica a partir desses estudos.

O propósito dessa pesquisa é a compreensão de como a ideologia, no caso a ideologia cristã neopentecostal (por meio de uma breve recapitulação histórica), impacta no jogo de poder do Brasil e sua postura em relação aos Direitos Humanos; e como influencia, na forma em que a sociedade brasileira enxerga essa agenda. Assim como entender a relação dessas estruturas e como se deu o processo de distorção e incentivo a violação dos direitos humanos por parte dos fundamentalistas religiosos, sua influência nas eleições de 2018 e seu impacto na imagem brasileira no cenário internacional.

Para começar a análise e debate desse fenômeno, é preciso entender o que é a “necessidade de pertencimento” em uma era pós-moderna, e a relação com o sagrado na lente micro que repercute no macro e afeta o jogo de poder. Em uma sociedade pós-moderna, as estruturas políticas são inseparáveis da ideologia religiosa (FOUCAULT, 1996).

Após uma breve análise teórica e histórica, é importante identificar a presença da comunidade neopentecostal na política brasileira e seu destaque a partir de 2014, assim como compreender o que é a bancada evangélica e como ela se configura; para melhor explicar o contexto das eleições de 2018 e como ocorreu o fortalecimento do incentivo (por meio de discursos) para a violação dos direitos humanos por parte da extrema direita e conservadores religiosos.

A igreja neopentecostal tornou-se uma peça chave nesse jogo de poder na política brasileira, e passou a funcionar como uma “máquina eleitoral”, conseguindo ser até mais eficaz que os próprios partidos políticos (PRANDI; SANTOS; e BONATO, 2019). O que gera dúvidas acerca da fragilidade da nossa democracia, resultando em uma forte divisão de grupos (evangélicos, católicos, comunidades não cristãs e não religiosos) e polariza a política brasileira (SMITH, 2019).

Como estudante, questiono discursos e políticas que aumentam a desigualdade e a intolerância. Assim, busco, por meio desses estudos, analisar essa realidade e pensar em como lidar com ela, e contribuir para uma mudança positiva na realidade em que estou inserida. Como cristã, sinto-me na obrigação de estudar mais sobre a influência religiosa neopentecostal e seu papel no jogo de poder político no Brasil, e contestar o uso da fé cristã como forma de manobra de massas para um fim político-econômico e de incentivo ao ódio.

1. O PAPEL DA IDEOLOGIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Durante as eleições de 2018, o conceito de ideologia foi bastante discutido. Do lado conservador, surgiu a narrativa de uma luta contra a “ideologia de esquerda” e “ideologia de gênero”¹, ou pela defesa da ideologia cristã. Muitos que passaram a repetir o discurso, sequer sabiam o significado de ideologia, especialmente por ser um conceito tão amplo e que pode dividir opiniões.

De acordo com o “senso comum”, ideologia é um conjunto de ideias de uma pessoa ou grupo e pode estar ligada a ações políticas, econômicas e sociais. Segundo BOBBIO (1998), o conceito de ideologia pode ser dividido em duas partes: “Significado fraco” e “Significado forte”. O primeiro consiste em um conjunto de ideias e valores pertencentes à ordem pública e exerce o papel de orientar as ações coletivas. Na sociologia, o significado fraco é o predominante. Já o segundo, trata-se da ideologia de Marx, que entende ideologia como *falsa* consciência das relações de domínio (BOBBIO, 1998, p. 586). Do ponto de vista do significado forte, a ideologia tem uma conotação negativa, pois é considerada uma “crença falsa”, por ter caráter romantizado refletindo a ação e crença de quem está no poder (BOBBIO, 1998, p. 586).

De acordo com Hegel, a ideologia funciona como uma forma de conhecimento não muito confiável. Pois ela se altera de acordo com a evolução da razão, que mostra “meias verdades”. Ele se coloca contra a separação do sujeito e objeto. Ou seja, Hegel afirma que o conhecimento (sujeito) domina o objeto (LAUREANO, 2018, p. 340). Para Carl J. Friedrich, a ideologia pode ser vista como um guia ou manual de instruções para ações individuais ou de um grupo, que tem a capacidade de mudar ou manter o status quo político (BOBBIO, 1998, p. 587).

A ideologia está ligada às estruturas de poder de um grupo, devido sua capacidade de mudança ou manutenção no status quo político. Na esfera macro, a ideologia foi capaz de causar trocas de poder em países, tornando o sistema internacional um cenário de um jogo ideológico entre países e outros atores internacionais. A ideologia pode servir como um importante instrumento de poder de um Estado, para questões internas e externas.

Althusser (1985), aponta que o Estado manifesta seu poder em duas formas - pela forma repressiva (aparelho repressivo do Estado) e pela forma ideológica (aparelho Ideológico de Estado). O primeiro usa de meios mais expressivos para impor a vontade do

¹ Termo criado por conservadores que acreditam que a diversidade sexual não existe e é ensinada por meio de uma “ideologia de gênero”. Acreditam que as crianças serão ensinadas a ser “homossexuais”.

Estado, como força física, leis etc. O segundo, usa de força ideológica, que não está dentro do poder público, mas sim no meio privado. Esses meios ideológicos encontram-se em igrejas, escolas, famílias, meios de comunicação e partidos (ALTHUSSER, 1985, p.75). Althusser também ressalta que a influência da ideologia da classe dominante capitalista, sobre a classe explorada (o proletariado), mesmo originada no meio privado, reflete no Estado, já que o mesmo é liderado pela classe dominante. O meio ideológico é uma forma do Estado manter o controle e consolidar o poder da classe dominante.

Segundo Coutinho (2012), como a ideologia é um conjunto de visões do mundo e doutrinas, as religiões, por “comportarem visões do mundo” (COUTINHO, 2012, p.184) são consideradas ideologias; e quem vê a religião como tal, pode também enxergá-la como um instrumento de dominação de classes. Uma ferramenta de poder.

Em Relações Internacionais, a análise do papel da religião na política de um Estado é importante para a compreensão da influência de sua atuação em relação aos direitos humanos, especialmente como isso impacta no cenário internacional. No cenário global ou doméstico, “a religião é tanto o problema quanto a solução” (HURD, 2012, p. 944). O papel da Igreja Católica no combate ao nacionalismo em Bruxelas, ao se aliar com os liberais e socialistas, seus rivais, nas eleições de 1936, foi um exemplo de como a religião influencia nos rumos da política. Essa aliança causou a derrota da extrema direita e a manutenção da democracia, antes da invasão nazista (LEVITSKY, Steven; ZIBLATT. 2018).

A ideia de que religião não pertence ao estudo das Relações Internacionais predominou até o atentado terrorista do dia 11 de setembro de 2001, arquitetado pela al-Qaeda (organização fundamentalista). Segundo Hurd (2012), após o ataque, surgiram duas exceções: a) que a religião se torna objeto de estudo quando resulta em forças perigosas que saem do controle do Estado e exige um posicionamento ou até mesmo intervenção de outros atores internacionais; b) a religião possui relevância nas RI para promover um “bem internacional”, por meio de trabalhos humanitários ou esforços de justiça em prol dos direitos humanos (HURD, 2012, p. 947). A religião (como ideologia), dá um senso de propósito, o que não é exceção entre muitos acadêmicos, que investem esforços para alimentar a “religião boa” (HURD, 2012, p. 947), na tentativa de solucionar muitos problemas mundiais: tais como a fome ou a guerra.

O que reforçou a importância da religião na agenda de segurança internacional, foi a crise dos refugiados, com o ápice em 2016, que foi considerada a maior do século, pela Organização das Nações Unidas (ONU). Naquele mesmo ano, 65 milhões de pessoas se deslocaram de seus países em busca de refúgio, devido a divergências políticas e guerras por

motivos religiosos (MERELES, 2018). Essa crise dividiu não só a Europa e o Oriente Médio, mas o mundo. Em 2014, o autoproclamado Estado Islâmico do Iraque e do Levante - ISIS (de composição sunita) aumentou as tensões no cenário internacional, quando piorou a violenta guerra civil na Síria (2011 - presente) ao invadir o território, com o intuito de estabelecer um califado² na região.

A crise dos refugiados abriu portas para o recrutamento de jovens refugiados e europeus para o ISIS, responsáveis por vários ataques terroristas na Europa, como o de Paris (2015), Bruxelas (2016), Barcelona e Cambrils (2017), Marselha (2017) e Viena (2020). Isso afetou a segurança nacional de vários países, em especial os da Europa e Oriente Médio, que estavam recebendo o maior número de refugiados.

1.1 Religião e a necessidade de pertencimento em uma realidade pós-moderna

A definição de religião por si só já divide opiniões. Com o objetivo de buscar a definição de *religião*, Émile Durkheim (1989) separa o termo em duas vertentes: a) a religião é construída a partir do “sobrenatural” e “misterioso”, além da compreensão humana; b) religião está na ideia de Deus.

Durkheim (1989) contradiz as duas definições explicando que a primeira não pode se sustentar apenas no sobrenatural, já que a religião (para povos primitivos) existe muito antes da própria definição de natural, que é um conceito moderno; a segunda não pode se fundar na ideia de Deus já que existem religiões que vão além de Deus (ses), como o Budismo por exemplo. Após analisar e contradizer essas duas vertentes, Durkheim (1989), concluiu que religião é composta por *crenças* e *ritos*, que explicam a primeira vertente; e modos de ação determinada que explicam a segunda.

Já a concepção weberiana, define que a religião se encontra no coletivo, são crenças que estão acima da comunidade, é uma ação que proporciona a sensação de pertencimento do todo, estabelece critérios para todos que pertencem àquela comunidade (WEISS, 2005, p. 4). O conceito pode ter duas definições: a) ritualística, com o objetivo de adaptação no mundo; e b) de convicção, que para alcançar a salvação, deve se opor ao mundo (WEISS, 2005, p. 5).

² Sistema de governo de um estado islâmico que combina a liderança política e religiosa na figura do califa. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

Weber separa três atores principais que pertencem à “comunidade religiosa” e que coordenam essas atividades : a) sacerdote; b) feiticeiro; e c) profeta. O Sacerdote, segundo Weber, encontra-se em oposição ao Feiticeiro; ele possui a função de honrar as entidades, seu status é de Funcionário de um Grupo Organizado e possui um saber intelectual, conhecedor de uma doutrina conceitualmente elaborada. O Feiticeiro possui a função de expulsar demônios, seu status é autônomo e possui um saber empírico em essência, sua doutrina não é racionalizada (WEISS, 2005, p. 5).

O Profeta é possuidor de um grande carisma, visto por muitos como um talento natural, que permite que ele vá além do Sacerdote e do Feiticeiro. Seu carisma tem um ar inovador, que ajuda para o fortalecimento ou na criação de uma religião (WEISS, 2005, p. 5). É visto como um líder, que se doa pela crença.

A religião, em modo geral, carrega consigo um sentido para a existência. A religião cristã oferece ao fiel, por meio da renúncia da natureza humana, a possibilidade de ser filho de Deus, prometendo vida eterna; mas “...quem se afasta da verdadeira Igreja nunca mais pode pertencer aos eleitos de Deus...” (WEBER, 2004. p. 95).

A sociedade moderna marcou a morte de grandes narrativas fundadas em simbologias e promessas. O discurso religioso foi usado até a “exaustão” para dar significado à vida (BRANDÃO, 2016) e justificar verdades absolutas. O modernismo falhou na emancipação da sociedade em relação aos mitos, e forneceu a uma nova prisão em outras “verdades absolutas”.

Segundo Foucault (1970), as verdades absolutas tem como objetivo a manutenção do status quo e aceitar algo como absoluto é a mesma coisa que fortalecer uma estrutura configurada como um instrumento de poder (FOUCAULT, 1979). Para o pós-modernismo, tudo conhecido como verdade é reflexo de uma posição de poder e de estruturas dominantes (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 188).

Após o rompimento com o modernismo, a religião achou seu espaço novamente, e ressurgiu de forma mais reativa (BRANDÃO, 2016), e apesar da incerteza inerente ao pós-modernismo não gerar uma necessidade de religião (BAUMAN, 1998), um novo movimento religioso surgiu a partir da insuficiência humana evidenciada pelo próprio pós-modernismo e o fundamentalismo religioso, segundo Bauman (1998), nasceu das contradições pós-modernas (BRANDÃO, 2016). No Brasil, esse fundamentalismo acabou estendendo-se para a esfera política, se mostrando como uma solução totalitária, para a ansiedade que eles mesmos incitam, e confrontam a liberdade individual (BAUMAN, 1998).

1.2 Histórico de igreja e poder no brasil

O histórico da relação entre Igreja e Poder é muito amplo para ser contemplado neste trabalho; por isso, será delimitado, de forma breve, o histórico dessa complexa relação com foco no Brasil.

Antes da classe burguesa romper com a ordem feudal e dar a luz ao livre comércio e a meritocracia do sistema capitalista de produção (ENGELS, 1880, p. 96), já tinha quem cumprisse o papel de explorador e explorado; nesse caso, a explorada América Latina que passou a fornecer riquezas e mão-de-obra escrava para as potências europeias a partir do final do século XV.

Durante o curso da história é possível ver que os ideais (não racionais) são pregados pelas instituições vigentes que ditam a forma de produção e troca (ENGELS, 1880, p. 95), já que os ideais da classe dominante variam de acordo com seus interesses e a economia da época, e não com a exploração de fato, pois ela sempre existiu.

Desde o final do século XV, os “ricos” países europeus sustentavam sua economia e seu desenvolvimento, por meio das Américas, recém descobertas e invadidas. Para legitimar as invasões das romantizadas Grandes Navegações, a Igreja Católica, junto com os monarcas europeus, desempenharam um grande papel mantendo as narrativas das cruzadas (GALEANO, 1999, p. 11), mas dessa vez, pelos mares do novo mundo as palavras do Salvador seriam pregadas e grandes conquistas viriam por meio das riquezas (não mais tarde descobririam o ouro e a prata) que estavam nas mãos de “selvagens” que não conheciam a Deus ou o Papa; naquela época era o Alexandre VI, famoso Rodrigo Borgia, que com o “poder dado por Deus” nomeou a rainha espanhola Isabel, conhecida como Isabel, a Católica, como a rainha do novo mundo (GALEANO, 1999, p. 11).

Foi um dos vários períodos sombrios da história da América Latina. As campanhas militares em nome da rainha e de Deus, responsáveis pela escravidão e morte de muitos nativos foram abençoadas pela própria Igreja (GALEANO, 1999, p. 11), que conseguiu aumentar sua esfera de poder, lutando no “território do diabo”. Para os invasores religiosos, evangelizar significava destruir tudo o que pertencia a outra cultura, subjugar os povos e tudo o que lembrasse outra fé (RIBEIRO, 1986, p. 81).

A maneira fervorosa que o cristianismo foi propagado na América Latina, por meio da catequização forçada, refletiu o fanatismo, a intolerância religiosa e étnica vigente na cultura europeia da época. Não só foram responsáveis por milhares de vidas, através de uma perseguição cruel, em nome de uma ideologia, mas também foram responsáveis por fazer com

que muitos nativos (que buscavam sobreviver) negassem a si mesmos (RIBEIRO, 1986, p. 100).

Após a conversão de indígenas, intensificou-se o número de africanos capturados e traficados em Luanda - Angola, para trabalho escravo no Brasil, novamente com o apoio da Igreja, que os obrigavam a assistir as missas (do lado de fora e sem sentar nos bancos), muitos eram batizados à força antes de serem traficados para o Brasil (GALEANO, 1999, p. 39). O Brasil possui um contraste social assustador e desumano, que se sustenta, em maior parte, no genocídio indígena e na escravidão negra, amparada pela Igreja.

É certo que reminiscências africanas no folclore, na música e na religião são palpáveis nas áreas onde a afluência negra foi maior. Mas sua persistência se explica, principalmente, pelas condições de marginalização dessas populações, que em nenhum caso constituem blocos étnicos inassimiláveis e aspirantes à autonomia (RIBEIRO, 1986, p. 6).

O nordeste e o sudeste brasileiro, durante os séculos XVI e XVII, foram invadidos pelos franceses e holandeses; invasores, em sua maioria protestantes (MATOS, 2011, p.4). Na metade do século XVI, uma expedição francesa chegou à baía de Guanabara, e seu comandante Nicolas Durand de Villegaignon, simpatizava com o protestantismo, e pediu a João Calvino, pastores para a terra que acabava de chegar (MATOS, 2011, p.4). Meses depois, os pastores que foram para o Brasil foram expulsos e mortos pelo próprio Villegaignon, devido a desavenças, dando origem à famosa Confissão de Fé de Guanabara.

Um integrante da comitiva era Jean de Léry, que mais tarde se tornou pastor e escreveu o livro História de uma viagem à terra do Brasil, publicado em Paris, em 1578. No dia 10 de março de 1557 esse grupo realizou o primeiro culto protestante da história do Brasil e das Américas (MATOS, 2011, p.4).

Era um período de Contra Reforma, e a presença protestante de holandeses e franceses chamou a atenção de Portugal, que usou suas forças para suprimir qualquer possibilidade de crescimento do protestantismo no Brasil. Logo expulsando do Brasil, os franceses (foram para onde hoje é a Guiana Francesa) e holandeses (foram para onde hoje é a Suriname). Ao suprimir o protestantismo no Brasil colônia, o ideal católico foi reforçado na população (MATOS, 2011, p.4) e passou a fazer parte da identidade brasileira (assim como em muitos países da América Latina).

A partir do século XIX, com a independência do Brasil (que manteve o catolicismo como religião oficial), imigrantes europeus chegaram ao país em busca de oportunidades. A demanda por imigrantes fez com que o Brasil recebesse não só católicos, mas judeus e protestantes, permitindo liberdade de culto (MATOS, 2011, p.6). Essa liberdade de culto não

impediu a forte influência da Igreja Católica no Brasil, especialmente com os constantes ataques (até violentos) à práticas protestantes e não-cristãs.

Com a chegada protestante no Brasil, “Os jesuítas confederaram seus acólitos índios e os lançam contra a indiada que se aliara aos calvinistas. Dez mil índios morreram nessa suja guerra de tribos indígenas, brigando não sabiam por quê.” (RIBEIRO, 1986, p. 51). Indígenas se tornaram vítimas de uma guerra ideológica na qual o único objetivo em comum das duas partes era perseguir líderes nativos e finalmente apagar a cultura não-cristã da história (RIBEIRO, 1999, p. 100); Incitar a violência era mais seguro e eficaz do que líderes católicos, protestantes e fiéis (brancos) brigarem entre si.

O protestantismo deu início a ideia de que Deus compensará o trabalho duro, e que o sucesso do fiel representa o seu relacionamento com Deus (Weber, 2005); trazendo uma nova mentalidade para a sociedade brasileira. Mas não foi até os anos 70 que essa ideia começou a ganhar força no Brasil.

2. IGREJA NEOPENTECOSTAL NA POLÍTICA BRASILEIRA

O protestantismo é dividido em várias denominações, cada qual com sua história: igreja congregacionista, presbiteriana, presbiteriana independente, metodista, batista, luterana, episcopal, pentecostais e neopentecostais. O movimento pentecostal como conhecemos, teve origem nos Estados Unidos, no início do século XX, quando Charles Fox Parham, pregador metodista (MATOS, 2006, p. 30), passou a ensinar em seus estudos bíblicos sobre as experiências e dons dados pelo “batismo com o Espírito Santo”.

O dom de falar em “línguas estranhas” (espirituais) e terrestres se tornou uma das maiores características desse movimento, que acredita que Deus fornece esse dom, por meio do batismo com o Espírito Santo (MATOS, 2006, p. 30), para que seja possível pregar o evangelho pelo mundo (assim como o apóstolo Paulo).

Na primeira onda pentecostal, o batismo se torna uma marca ou prova de que Deus escolheu essa pessoa. Essa primeira onda no Brasil (MATTOS, 2006) contou com a Congregação Cristã no Brasil, primeira igreja pentecostal brasileira, fundada em 1910; e a Assembleia de Deus, de origem batista, fundada por pastores suecos no Brasil, em 1910.

A segunda onda no Brasil, começou na metade do século XX, que ficou marcada pelo surgimento de novas igrejas (Igreja do Evangelho Quadrangular³, Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo e Igreja Pentecostal Deus é Amor), que pregavam o poder da “cura divina” dada por Deus (MATOS, 2006, p. 39).

O mundo passava por muitas transformações, e no Brasil não era diferente, o crescimento dos centros urbanos possibilitou um acesso da Igreja às massas; e essas igrejas se adaptaram na forma de se comunicar com as pessoas, fazendo o uso dos meios de comunicação uma parte dessa segunda onda.

A terceira onda teve seu início nos anos 70, com as igrejas que conhecemos hoje como neopentecostais: a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo (MATOS, 2006, p. 39); e foi marcada pela “teologia da prosperidade” e a luta espiritual contra o Diabo (MARIANO, 2004, p. 124).

As igrejas neopentecostais são guiadas pelo princípio básico de que a falta de prosperidade e a infelicidade do cristão é culpa do Diabo, ou seja, o cristão ao rejeitar sua vida antiga e seus pecados irá receber prosperidade e felicidade que lhe é de direito, como filho de Deus.

³ A Igreja do Evangelho Quadrangular é a única dessa lista que não teve origem no Brasil. Ela foi fundada nos Estados Unidos. (MATOS, 2006).

A IURD é o maior exemplo de como a religião pode rapidamente sair da esfera privada para a pública. Edir Macedo, fundador da IURD, foi um grande adepto dos meios de comunicação eletrônicos para alcançar fiéis (MARIANO, 2004, p. 125). E ainda que os neopentecostais tenham “abandonado” a ideia de abdicação dos bens (pregada em outras vertentes do cristianismo), sua interpretação das “escrituras” no que interessa a outras religiões foram mais “literais”.

[...] o turbocapitalismo em sua fase ultra consumista se lança com toda a força de sua influência sobre a “religião protestante”, e é co-genitor de profunda transformação doutrinária (MUNIZ, 2006, p. 17).

A visão da IURD em relação a outras religiões, deu início a uma série de casos de intolerância religiosa no Brasil. Em especial contra religiões de matriz africana. Edir Macedo construiu, em pouco tempo, um “império religioso”, tornando a IURD a igreja neopentecostal mais influente. Em 1992, Macedo foi preso (por doze dias), acusado de estelionato (MATOS, 2011, p. 24).

Edir Macedo possui origem católica e frequentou a Umbanda (MARIANO, 2004, p. 125) e lançou alguns livros sobre o assunto. O mais famoso foi “Orixás, caboclos e guias. Deuses ou demônios”, que acabou incitando uma animosidade de fiéis da IURD em relação a religiões de matriz africana, levando a ataques e destruição de terrenos, tentativas de exorcismo, sequestro com o “propósito” de conversão e agressão física (SILVA, 2007, p.217).

Entre os pentecostais o mal é sempre visto como obra do demônio, adotando por isso as igrejas de formação mais recente o exercício recorrente da vexação e expulsão dos demônios, que identificam com divindades e espíritos das religiões afro-brasileiras. (PIERUCCI; PRANDI, 1995, p. 39)

Xenofobia também foi uma consequência da influência neopentecostal sobre as massas. Salvador, a capital da Bahia, passou a ser vista por muitos neopentecostais, como a “Sodoma e Gomorra” do Brasil e a capital da “magia negra” (se referindo a práticas religiosas de matriz africana). Como o caso de fiéis da Igreja Internacional da Graça de Deus que invadiram eventos religiosos em Salvador (SILVA, 2007, p. 217).

Ainda que a ideia de “fê e política precisam se misturar” tenha sido fortalecida com os neopentecostais, não foi a primeira vez que pentecostais ingressaram na política brasileira. Na verdade, os primeiros evangélicos na política foram um batista e um metodista nos anos 40. O cenário mudaria para os pentecostais duas décadas depois.

Nos anos 60, os pentecostais tiveram sua vez. A Igreja Brasil para Cristo conseguiu eleger dois deputados, os pastores Levy Tavares e Geraldino dos Santos; e João Gomes

Moreira, da Assembleia de Deus, foi eleito na mesma época (LACERDA, 2017, p.37). Naquela época, o número de evangélicos (não só pentecostais) eleitos deputados chegou a dez (LACERDA, 2017, p.37). Mesmo sendo um número pequeno, simbolizou um novo momento para a política brasileira.

Em 1986, por meio da Assembleia Constituinte, surgiu a bancada evangélica, com membros conservadores e evangélicos que lutam por agendas moralistas, misturando a política e moralidade privada (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 188). Essa união surgiu por meio do medo da volta do poder da Igreja Católica ou de a nova constituição defender feministas, comunistas, homossexuais, legalização do aborto ou qualquer legislação que fosse contra a moral desse grupo (PRANDI; SANTOS, 2017). A partir desse momento, a bancada evangélica cresceu cada vez mais.

Segundo Pierucci (1995), os pentecostais, em sua maioria, não eram a favor da esquerda e buscavam eleger pastores como deputados, para que o Evangelho ganhasse espaço. Mas o autor completa que esse espaço para o Evangelho significava vantagens e privilégios para essas Igrejas, que por estarem em um país predominantemente católico, se viam discriminados (PIERUCCI; PRANDI, 1995, p. 39).

Em 1990, Edir Macedo conseguiu eleger três deputados federais, possibilitando a representação de seus interesses e de seus fiéis (MATOS, 2011, p. 24). Fortalecendo a ideia de que fé e política precisam se misturar, inspirando outras igrejas neopentecostais a fazerem o mesmo - Deputado Distrital Rodrigo Delmasso, eleito em 2014, pela Igreja Sara Nossa Terra. Isso fortaleceu a presença neopentecostal no Legislativo.

As eleições de 1994 já foram uma prévia para a divisão religiosa na política que se fortaleceu nas décadas seguintes. Durante aquelas eleições os católicos carismáticos, optaram por votar em Fernando Henrique Cardoso - FHC, do Partido Social da Democracia Brasileira - PSDB, já os católicos das Comunidades Eclesiais de Base - CEB, apoiaram Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores - PT. Os espíritas kardecistas optaram, em sua maioria, por apoiar FHC (PIERUCCI; PRANDI, 1995, p.43).

Já os evangélicos, não viam FHC como uma boa opção, muito menos Lula. Optaram por apoiar Orestes Quércia do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, que ficou em 4º lugar nas eleições daquele ano. E os grupos sem religião, optaram por Lula (PIERUCCI; PRANDI, 1995, p.43).

2.1 Bancada evangélica e como ela se configura

Segundo Prandi e Santos (2017), a bancada evangélica é um grupo suprapartidário⁴, formado no final de 1986 por congressistas de diferentes igrejas e vertentes. Esse grupo se organiza para aprovar ou não legislações de acordo com o interesse desse grupo. Mesmo conhecida popularmente bancada evangélica, esse grupo é oficialmente denominado de Frente Parlamentar Evangélica (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 187).

A influência da bancada evangélica na política brasileira é muito fortalecida pelo medo também. Lacerda (2017), menciona a hipótese de que os evangélicos optaram pelo Collor em nas eleições de 1989, por receio de que Lula (opositor de Collor na época) trouxesse o comunismo, além de acharem que ele seria apoiado pela Igreja Católica e acabaria com a liberdade religiosa do país.

Fim de uma era, na qual era lugar-comum dizer que crente não se metia em política – seja como crítica, feita pelos católicos, seja como autodefinição dos próprios evangélicos, pelo menos de boa parte deles (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 188).

Nas eleições de 2014, o número de candidatos declaradamente evangélicos eleitos foi de 75 deputados federais e três senadores (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 188). Ainda que a bancada evangélica tenha muita força, não são um grupo exatamente homogêneo quando se trata de ideologia política (PRANDI; SANTOS, 2017, p.188). Mas o que os fortalece são seus valores conservadores, especialmente quando se unem aos poucos congressistas católicos, para defender os “valores religiosos”. Essa união de grupos historicamente rivais, é conhecida como a bancada da Bíblia (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 188).

Em uma entrevista para o Empreender Brasília, o deputado Distrital Rodrigo Delmasso do Partido Republicano Brasileiro - PRB afirma que o trabalho dele como um dos representantes evangélicos na Câmara Legislativa é defender os valores que a comunidade evangélica acredita, como os princípios da família e defesa da vida e ...”na valorização da nossa cultura gospel, infelizmente alguns órgãos de controle não entendem ainda que o gospel é uma forma de expressão cultural” (RABELO, 2021).

Nem todos os evangélicos configuram a bancada evangélica. Essa bancada prega a “defesa da família” e se opõe a legislações a favor de mulheres, negros, indígenas e LGBTQI+ (CONGRESSO EM FOCO, 2020). O comportamento da bancada evangélica provocou reações não só de não evangélicos, mas também dentro da própria comunidade

⁴ Um grupo composto por diferentes partidos, mas não se submete ao interesse particular de nenhum deles: grupo suprapartidário, comissão suprapartidária. Fonte: Dicio - Dicionário Online de Português

evangélica, que em resposta deram início aos movimentos evangélicos progressistas, como Cristãos contra o Fascismo e Evangelixx pela Diversidade (EL PAÍS, 2020).

2.2 Comunidade evangélica brasileira e as eleições de 2014

Ainda que o Brasil seja um país laico⁵, a sociedade brasileira ainda é muito influenciada por valores religiosos; vistos como “base” para julgamento de caráter de uma pessoa. Prandi e Santos (2017) apontam que, segundo a pesquisa nacional realizada entre os dias 1 e 3 de setembro de 2014, pelo DataFolha, 81,1% dos católicos, 91,5% dos evangélicos pentecostais e 90% dos não pentecostais acreditam que a crença em Deus “torna as pessoas melhores” (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 191). A religiosidade, no caso, a falta dela, pode repercutir negativamente em uma corrida eleitoral.

Os valores religiosos predominantes entre a população brasileira resultam em preconceitos que marginalizam outros grupos sociais (ateus, indígenas, LGBTQI+, adeptos a religiões de matriz africana etc) que não vivem baseados nos mesmos valores (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 191). A mesma pesquisa do DataFolha que Prandi e Santos (2017) usaram como base, aponta que 37,6% desse eleitorado, em 2014, acredita que a pobreza é resultado de “preguiça”, assim como a criminalidade é resultado de “maldade” (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 192) e não de injustiças sociais que resultam na exclusão social e falta de oportunidades.

O ano de 2014 foi marcado por ser palco de reviravoltas nas eleições presidenciais. Eduardo Campos, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), morreu em um trágico acidente de avião em agosto de 2014. Campos era candidato à presidência da república durante aquelas eleições e ocupava o terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 7).

Após o ocorrido, sua vice, Marina Silva, virou a nova candidata do PSB, ganhando o apoio de jovens que carregavam a esperança de virar o jogo nas eleições. A entrada de Marina

⁵ A Constituição Federal de 1988, CF/88, em seu artigo 4º, inciso II, declara a “prevalência dos direitos humanos como princípio do Estado brasileiro em suas relações internacionais”. Na esfera religiosa, o Brasil, como um país laico/secular, onde a educação não é mais eclesial, casamentos são civis, desde 1891, e outras atividades separam-se da igreja (GIUMBELLI, 2008), coloca-se na posição de proteger a liberdade de escolha religiosa e de culto, garantindo que a religião seja um assunto de esfera privada.

Silva (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 8) na corrida presidencial causou comoção entre muitos evangélicos, que acreditavam na intervenção divina em sua candidatura.

Eram conservadores contra liberais, mas também religiosos contra religiosos, liberais contra liberais, direita contra direita, esquerda sem apoiar a esquerda. Nada estava garantido, nada poderia ser essencializado (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p.9).

Um dos candidatos à presidência daquele ano, era o Pastor Everaldo da Assembleia de Deus da Madureira, filiado ao Partido Social Cristão (PSC), que em seus discursos, enfatizou a “defesa da família” (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 17), que se tornou um bordão muito comum na agenda de políticos neopentecostais. A “defesa da família”, para os neopentecostais, significa a defesa dos valores religiosos em que se firmam, e a visão de família que esses valores trazem. Pastor Everaldo começou algo que só viria a se manifestar em 2018.

Apesar de ter apoiado a candidatura da ex-presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores - PT, em 2010 (indo contra o seu próprio partido, que apoiava o PSDB), Pastor Everaldo mostrou oposição em 2014, concorrendo à presidência (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 26). Durante as eleições de 2014, ele não tinha mais que 3% ou 4% das intenções de votos, mas já usava em sua campanha, por meio do Twitter, as cores da bandeira brasileira e já prometia uma “salvação” para o Brasil, uma mudança (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 18).

Dilma Rousseff conseguiu uma grande oposição da igreja evangélica, ao se posicionar a favor do aborto. Para remediar a situação, a ex-presidente se aliou a várias religiões. Começou então uma “briga” entre o Partido dos Trabalhadores contra os pastores neopentecostais Marco Feliciano e Silas Malafaia (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 31).

Entre um dos grandes apoiadores a candidatura do Pastor Everaldo, estava o ex-deputado federal e atual bispo fundador da Igreja Sara Nossa Terra, Robson Rodovalho, também um dos líderes da Confederação dos Conselhos de Pastores do Brasil - CONCEPAB (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 42).

Naquele mesmo ano, o bispo Rodovalho escreveu uma carta aberta para a Folha de São Paulo, com o título “Antes pedintes, agora negociadores”, e nessa carta, ele declara que o segmento evangélico passou a participar como “player” político (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 144) e não mais pediria as coisas, e sim, negociaria, já que, naquela época, dos 141 milhões de brasileiros votantes, 31 milhões eram evangélicos e continuariam crescendo.

Rodvalho conseguiu unir a comunidade evangélica por meio dos “valores”, já que esses seriam mais fortes que as diferenças entre as denominações. Mas os evangélicos de esquerda mostraram forte oposição às declarações de Rodvalho, já que não sentiam que a defesa dele se aplicaria a eles.

Os evangélicos votariam massivamente no candidato religioso que preza pela família, defende o Estado mínimo e se alinha à direita ou se votariam no Estado que garantiria justiça social? (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 44)

Ainda que o Pastor Everaldo tenha se apresentado como uma “terceira opção” ou uma “verdadeira mudança”, Marina Silva era a opção mais viável entre os evangélicos no segundo turno. Mas o segundo turno foi entre Aécio Neves, do PSDB, e Dilma Rousseff, do PT. O Pastor Everaldo, Bispo Robson Rodvalho, assim como Marco Feliciano (eleito deputado federal naquele ano) e outros líderes evangélicos declaram apoio a Aécio Neves (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 72), usando como justificativa que Dilma Rousseff protegeria as minorias que afrontam a “moral cristã”.

As eleições de 2014 dividiram o país com a direita liberal e direita conservadora de um lado e a esquerda de outro, especialmente após a vitória de Dilma no segundo turno, dando início ao seu segundo mandato. A partir daquele ano, os evangélicos passaram a mirar na presidência, já que nunca elegeram tantos candidatos quanto em 2014 (DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 72).

3. TENSÕES POLÍTICAS E A ASCENSÃO DE JAIR BOLSONARO

Sem o apoio empresarial que tinha no primeiro mandato e com uma união da direita empresarial brasileira, a ex-presidente Dilma Rousseff viu as crises sociais e políticas crescerem cada vez mais a partir de 2015, resultando na perda de sua popularidade (BASTOS, 2017, p. 5). E as tentativas de apaziguar a classe empresarial acabou prejudicando a própria base aliada de Dilma, levando a uma grande insatisfação popular incentivada pela oposição e pela mídia.

A Operação Lava Jato⁶ também foi uma das responsáveis por enfraquecer o segundo mandato de Dilma. A ex-presidente apoiou a operação e isso gerou represálias por parte dos envolvidos (políticos e empresários) que já mostravam a intenção de substituí-la por outro presidente, que conseguisse barrar a operação (BASTOS, 2017, p. 5).

Eu acho que isso [investigações da Lava Jato] pode mudar, de fato, o Brasil para sempre. [...] Não se pode pegar a Petrobras e condenar a empresa. O que nós temos de condenar são pessoas. Pessoas dos dois lados: os corruptos e os corruptores (Dilma Rousseff. G1, 2014).

A convocação do ex-presidente Lula para assumir o papel de ministro foi uma tentativa de contragolpe, já que era esperado uma retaliação contra a então presidente Dilma. Mas a própria Operação Lava Jato (BASTOS, 2017, p. 5) foi um instrumento para inviabilizar esse contragolpe do governo. Em março de 2016, a população foi às ruas, em sua maioria, representando a classe média, os religiosos e as insatisfações do empresariado; o que resultou no impeachment da presidente Dilma Rousseff, conhecido como o Golpe de 2016. Dando a luz ao forte anti-petismo que conhecemos hoje e a um medo do comunismo, que resgatou uma mentalidade da Guerra Fria.

A tensão instaurada após os eventos de 2016 abriu espaço para a direita conservadora brasileira, que viu a oportunidade de fortalecer uma agenda conservadora e um tanto agressiva aos direitos humanos. Tudo isso, claro, mascarado no anti-petismo e em uma ameaça “fantasma” do comunismo.

Durante a primeira fase do processo de impeachment de Dilma Rousseff, o então deputado Jair Bolsonaro, declarou “Pela família e inocência das crianças que o PT nunca

⁶ Foi uma das maiores operações de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história brasileira, que envolveu a maior estatal do país (Petrobrás) e a construção da usina nuclear Angra 3 (obra interrompida desde 2015). Em 2014, a operação teve início quando organizações criminosas, agentes políticos, empresários e doleiros passaram a ser investigados pela Justiça Federal em Curitiba. Fonte: Ministério Público Federal

respeitou, contra o comunismo, o Foro de São Paulo e em memória do coronel Brilhante Ustra, o meu voto é sim” (G1, 2016), e essa declaração, em especial a menção ao torturador da época da ditadura militar, dividiu opiniões. Dando notoriedade ao então deputado, que participava na política há 27 anos.

Essas declarações chocaram o Brasil, pois a Ditadura Militar (1964-1985) foi responsável pela ruptura da democracia e compromisso do Estado brasileiro com os princípios de Direitos Humanos; e esse período resultou em um isolamento do Brasil no cenário internacional. Apenas nos anos 90 que houve uma “[...]reconciliação do Brasil com o sistema internacional de proteção aos direitos humanos.” (GONZÁLEZ, 2010. p. 111), assim como a busca por uma forte atuação do governo brasileiro no sistema internacional. E os compromissos estabelecidos pelo Governo brasileiro diante dos tratados assinados de Direitos Humanos tiveram uma forte influência na implementação de políticas públicas no Brasil (VEDOVATO; BARRETO, 2015. p. 46).

Se a Constituição de 1988 foi a base para uma perspectiva sobre os direitos humanos no Brasil, a criação de vínculos com os sistemas internacionais de proteção demonstraria uma política de transparência das ações governamentais, que não precisariam mais se esconder sob o argumento da soberania nacional (GONZÁLEZ, 2010. p. 112)

Ao mesmo tempo, Bolsonaro fazia críticas abertas à política externa iniciada pelo ex-presidente Lula e sua aliança com países latino-americanos e do hemisfério sul. Bolsonaro se referia a aliança com os países latino-americanos como “louvar ditaduras assassinas” (CASARÕES, 2019, 235), o que pode ser visto como uma contradição, devido suas declarações anteriores.

3.1 Jair Bolsonaro: aliança com a bancada evangélica e a direita conservadora

Jair Bolsonaro apareceu como o perfeito candidato da extrema direita brasileira, com fortes críticas ao PT e suas políticas internas e externas. No que interessa a política externa, Bolsonaro criticou a política de multilateralismo, agendas de meio ambiente, direitos humanos e do posicionamento brasileiro no conflito Israel-Palestina, e se colocou contra os palestinos, chamando-os de “terroristas”, desagradando as lideranças árabes no Brasil (CASARÕES, 2019, p. 246).

Bolsonaro, em seus discursos, promoveu uma aproximação com os Estados Unidos, Israel e Itália, ele os considerava desenvolvidos, países com uma ideologia judaico-cristã e

governados por políticos de direita nacionalista: Donald Trump, Benjamin Netanyahu e Matteo Salvini, respectivamente (CASARÕES, 2019, 235). Bolsonaro se converteu para a Igreja evangélica e assim, começou o processo de aproximação do eleitor cristão.

As redes sociais foram um importante instrumento do apoio evangélico ao Bolsonaro, o Pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo não se conteve em mostrar de que lado estava, usou suas redes sociais para acusar o PT de “erotizar crianças” e serem autores do kit gay⁷ (MARIANO, GERARDI, 2019, p.69). A narrativa ficou cada vez mais forte, e líderes religiosos passaram a defender Bolsonaro cada vez mais, e suas políticas conservadoras.

O bispo Rodovalho declarou seu apoio a Bolsonaro por ele apoiar a família, igreja e o livre comércio e Silas Malafaia afirmou que Bolsonaro era o “único que defende diretamente a ideologia de direita” (MARIANO, GERARDI, 2019, p. 69).

O ano de 2018 foi marcado por violências de caráter político. A vereadora Marielle Franco, foi assassinada em 14 de março de 2018; ela lutava pelos direitos das mulheres, negros, moradores das favelas e pessoas LGBTQI+ (BBC Brasil, 2021). As investigações apontaram que o assassinato tinha motivações políticas, mas nunca descobriram quem mandou matá-la.

O assassinato de Marielle Franco foi usado durante as eleições daquele ano, a direita usou para minimizar o caso dela e comparar com a facada que Jair Bolsonaro recebeu durante a campanha daquele ano; e a esquerda usou para cobrar respostas.

Durante as duas semanas entre o primeiro e segundo turno, o Brasil estava dividido e a violência crescia não só nas redes sociais como se estendeu para violência física, em diversos estados brasileiros. A maioria dos casos envolvia agressão física e verbal contra mulheres, negros e LGBTQI+ (G1, 2018). Romualdo Rosário da Costa, o Moa do Katendê, mestre de capoeira, de 63 anos, foi uma das vítimas da violência política incitada pela direita durante as eleições (BBC Brasil, 2018). Moa do Katendê foi assassinado a facadas após discordar de um eleitor do Bolsonaro e revelar que votou em Haddad (PT).

Em outubro, o segundo turno das eleições de 2018 ocorreu entre Jair Bolsonaro, na época do Partido Social Liberal - PSL, e Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores - PT, que polarizou o Brasil. Haddad, em seus discursos mostrava-se a favor do

⁷ Material infantil que ensinam crianças sobre diversidade, com propósitos de combater a homofobia. A bancada evangélica, de forma pejorativa, começou a chamar de kit gay.

multilateralismo, de diálogos e aversão a violência, falava de uma política externa ativa e de uma integração maior ainda com a América-Latina, seguindo os passos de Lula (CASARÕES, 2019, p. 234). A polarização das eleições de 2014 chegaram mais fortes em 2018. Jair Bolsonaro, acabou sendo eleito presidente da República.

As eleições de 2018 fortaleceram um conceito de patriotismo e fé como “um só” (CASARÕES, 2020). Jair Bolsonaro, foi eleito Presidente da República e, em sua campanha usou o bordão “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” ganhando o apoio da comunidade evangélica e restaurando um sentimento nacionalista, conservador e segregacionista, que flerta com o totalitarismo. Seguindo uma linha parecida com o então presidente estadunidense Donald Trump (mandato de 2016 - 2020)

Em pautas como o aborto, legalização da maconha, causas LGBTQI+, há uma forte oposição por parte dessa bancada, que contam com o apoio dos fiéis que os elegeram. E, pautas que contam com o apoio, não de toda a bancada, mas de alguns, são do porte de arma, diminuição da maior idade penal e a implementação da pena de morte (CUNHA, 2018), o que fragiliza a posição do Brasil no cenário global. Atualmente, as políticas neoliberais e a redução de políticas sociais se tornam características dominantes na política brasileira (SANTANA; FERNANDES; FERREIRA, 2018).

A vitória de Bolsonaro, em 2018, junto com o envolvimento da comunidade evangélica na política brasileira, deixa muitos grupos inseguros, especialmente mulheres, negros, indígenas, adeptos de religiões não-cristãs, não religiosos e a comunidade LGBTQI+. O que faz muitos atores internacionais questionarem se vale a pena manter relações com um país que age de forma incoerente em relação aos princípios estabelecidos por sua própria Constituição.

As pautas religiosas no Congresso fazem com que o Brasil se coloque em posição de retrocesso (em comparação a muitos países que separam, na prática, Religião e Estado), fragilizando a liberdade da população e impedindo que desfrutem de políticas públicas que promovem igualdade e liberdade, aumentando assim, desigualdades sociais e a intolerância.

No cenário político atual do Brasil é importante entender a nova forma da presença religiosa e sua manifestação de poder no Estado. Especialmente, quando nos deparamos com um “ressurgimento” de um nacionalismo cristão conservador pelo mundo, como vimos acontecer nos Estados Unidos, onde os evangélicos formam a base do Partido Republicano (RESENDE, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ressurgimento da religião de forma evidente na política, devido a uma nova prisão de “verdades absolutas” em uma sociedade pós-moderna, em meio a crises identitárias, econômicas e políticas, fez com que ano de 2018, sem dúvidas, fosse marcado por um forte ativismo político por parte da comunidade evangélica, que ao passar dos anos tem se fortalecido e tomado para si o papel de “protetores” da família e da vida.

Por meio desse papel, a direita cristã cresceu, ganhou popularidade entre os eleitores e conseguiu se consolidar propriamente após as eleições, em uma cruzada do “nós contra eles”, evangélicos contra seculares (MARIANO; GERARDI, 2019, p. 74).

Na esfera religiosa, o Brasil, como um país laico/secular, onde a educação não é mais eclesial, casamentos são civis (desde 1891), e outras atividades separam-se da igreja (GIUMBELLI, 2008), coloca-se na posição de proteger a liberdade de escolha religiosa e de culto, garantindo que a religião seja um assunto de esfera privada. A Constituição Federal de 1988, CF/88, em seu artigo 4^a, inciso II, declara a “prevalência dos direitos humanos como princípio do Estado brasileiro em suas relações internacionais”.

Hoje, a sociedade brasileira enfrenta outro, de inúmeros desafios: separar a religião da esfera política e reparar os danos e a divisão causados pelo fundamentalismo religioso que se fortalece cada vez mais por meio da promessa de salvação, moral, prosperidade e da classificação de escolhidos, e que enxerga a esfera política como uma “extensão de sua influência”. O Brasil carece de políticas públicas que realmente coloquem em prática as garantias que estão previstas na CF/88, assim como nos compromissos estabelecidos pelo Brasil em tratados de direitos humanos. Com o uso dos meios de comunicação e a frente organizada que os neopentecostais fazem, é muito difícil de combater esse fundamentalismo religioso na política, já que no Brasil, ainda não temos uma oposição tão organizada, unida e articulada quanto.

Desde 2018, as declarações de Bolsonaro e da bancada evangélica passaram a tratar a política brasileira como um meio de “realização espiritual ou identitária” (CASARÕES, 2019, p. 260); grupos que se uniram por meio do anticomunismo e antipetismo. Essa luta em nome de Deus travada pelos fundamentalistas religiosos, exige da sociedade brasileira, uma emancipação dessa lente, pois direitos fundamentais garantidos pela constituição brasileira podem estar em risco, assim como a posição do Brasil no cenário internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia Sagrada. Sociedade americana da Bíblia, 1847.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado.** Rio de Janeiro: Graal, 1985. Itens: “O que são os Aparelhos Ideológicos de Estado?” e “Sobre a reprodução das relações de produção”, pp.67-81.

ARAÚJO, A. B.; SILVA, M. A. DA. HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006. 349 p. EDUCAÇÃO E FILOSOFIA, v. 26, n. 52, p. 677-681, 19 jul. 2012.

BASTOS, Pedro Paulo Zahluth et al. **Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016:** poder estrutural, contradição e ideologia. Revista de Economia Contemporânea, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Inquietações da vida contemporânea e suas formas atuais de organização: uma relação de imanência.

BBC: Camilla Costa, Felipe Souza e Paula Adamo Idoeta. **Eleições 2018:** Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país. Brasil, São Paulo. 12 de outubro de 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>> Acessado em 14 mar 2021

BBC: Roberta Pennafort. Marielle Franco: as perguntas sem respostas, três anos após execução. Brasil, Rio de Janeiro. 12 mar 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56368243>> Acessado em 14 mar 2021

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** 11ª Edição. Brasília: Editora UnB, 1998.

BRANDÃO, Sebastião Hugo. **Religião na pós-modernidade.** Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 56-72, jan./jun. 2016

BRASIL. Ministério Público Federal. **Entenda o caso da Lava Jato**. Grandes casos: Lava Jato. Brasília - Distrito Federal. Disponível em <<http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>> Acessado em 10 mar 2021

CAMURÇA, Marcelo. **Religião, Política e Espaço Público no Brasil**: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. Estudos de Sociologia, v. 3, n. 25, p. 125-159, 2019.

CASARÕES, Guilherme. **Eleições, política externa e os desafios do novo governo brasileiro**. Pensamiento propio, v. 24, p. 231-274, 2019.

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão. **Religião e Poder**: a Ascensão de um Projeto de "Nação Evangélica" no Brasil?. Interesse Nacional, ano 13, n. 49, p. 9-16, Abril - Junho 2020. Disponível em <<http://interessenacional.com.br/2020/04/03/religiao-e-poder-a-ascensao-de-um-projeto-de-nacao-evangelica-no-brasil/>> Acessado em 21 mai 2020

CONGRESSO EM FOCO. Veja quais deputados e senadores fazem parte da bancada evangélica. Legislativo. Brasília. 15 de set 2020. Disponível <<https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/veja-quais-deputados-e-senadores-fazem-par-te-da-bancada-evangelica/>> Acessado em 07 mar 2021

COUTINHO, José Pereira - **Religião e outros conceitos**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, 2012, pág. 171-193

CUNHA, Christina Vital da. **Religiões, sentimentos públicos e as eleições de 2018**. Heinrich Böll Stiftung - Rio de Janeiro. Religião e Política, 27 ago 2018. Disponível em <<https://br.boell.org/pt-br/2018/08/27/religioes-sentimentos-publicos-e-eleicoes-2018>> Acessado em 7 abr 2020.

DA CUNHA, Christina Vital; LOPES, Paulo Victor Leite; LUI, Janayna de Alencar. **RELIGIÃO E POLÍTICA: MEDOS SOCIAIS, EXTREMISMO RELIGIOSO E ELEIÇÕES 2014**. Gráfica Stampapa, 2017.

DURKHEIM, Émile; NEVES, Paulo. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea; FERNÁNDEZ, Luis Gil. **Lo sagrado y lo profano**. Barcelona: Labor, 1981.

ENGELS, Friedrich. **Socialism: Utopian and scientific**. Progress, 1978.

FERREIRA, Valdinei. **A Bancada Evangélica e o Brasil**. Interesse Nacional, ano 13, n. 49, p. 17-22, Abril - Junho 2020.

FINLAYSON, Alan. **From beliefs to arguments**: Interpretive methodology and rhetorical political analysis. The British Journal of Politics and International Relations, v. 9, n. 4, p. 545-563, 2007

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **The Order of Things**: An Archaeology of the Human Sciences. New York: Random House, 1970.

G1. **Dilma diz que investigações da Lava Jato podem mudar país para sempre**. Portal G1: Política. São Paulo e Brasília. 16 set 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2014/11/dilma-defende-petrobras-e-diz-que-o-que-deve-ser-condenado-sao-pessoas.html>> Acessado em 10 mar 2021

G1. **Bolsonaro diz no Conselho de Ética que coronel Ustra é 'herói brasileiro'**. Portal G1: Política. Brasília. 08 nov 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/11/bolsonaro-diz-no-conselho-de-etica-que-corone-l-ustra-e-heroi-brasileiro.html>> Acessado em 14 mar 2021

G1. **Relatos sobre agressões por motivação política crescem nas redes sociais no 2º turno, mostra estudo**. Portal G1: Política. São Paulo. 12 out 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/12/relatos-sobre-agressoes-por-motivacao-politica-crescem-nas-redes-sociais-no-2o-turno-mostra-estudo.ghtml>> Acessado em 14 mar 2021

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 12. Edição. São Paulo: L&PM, 1999.

GIUMBELLI, Emerson. **A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil**. Relig. soc. Rio de Janeiro , v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.

GONZÁLEZ, Rodrigo Stumpf. **A política de promoção aos direitos humanos no Governo Lula**. Revista Debates, v. 4, n. 2, p. 107, 2010.

HURD, Elizabeth Shakman. **International politics after secularism**. Review of International Studies, v. 38, n. 05, p. 943-961, dez 2012. Disponível em <http://faculty.wcas.northwestern.edu/~esh291/Elizabeth_Shakman_Hurd/publications_files/hurdris2013.pdf> Acessado em 15 abr 2020

LACERDA, Fabio. **Pentecostalismo, eleições e representação política no Brasil contemporâneo**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-02062017-103551/publico/2017_FabioLacerda_VCorr.pdf> Acessado em 01 mar 2021

LAKE, David A. **Why isms are evil- Theory, epistemology and academic sects as impediments to understanding and progress**. International Studies Quarterly, Vol. 55, No. 2, jun 2011, pp. 465-480. Disponível em <<http://quote.ucsd.edu/lake/files/2018/07/ISQ-Vol-55-No2-2011.pdf>> Acessado em 20 jun 2020

LAUREANO, Pedro Sobrino. **Verdade como divisão: ideologia entre Hegel e Freud**. Tempo psicanal., Rio de Janeiro , v. 50, n. 2, p. 330-348, dez. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 nov. 2020.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Edição Padrão. Rio de Janeiro: Zahar, 20 set 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2010.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. **Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores**. Revista usp, n. 120, p. 61-76, 2019.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil**: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>> Acessado em 01 mar 2021

MARX, Karl.; **Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843** / Karl Marx ; tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus ; [supervisão e notas Marcelo Backes]. - [2.ed revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1**: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. Boitempo Editorial, 2015.

MATOS, Alderi Souza de. **Breve história do protestantismo no Brasil**. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai fae/article/download/27/46?hc_location=ufi> Acessado em 05 mar 2021

MATOS, Alderi Souza de. **O Movimento PENTECOSTAL: REFLEXÕES A PROPÓSITO DO SEU PRIMEIRO CENTENÁRIO**. 2006. Disponível em <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf>> Acessado em 05 mar 2021

MERELES, Carla. **Crise dos refugiados: muito além da Síria**. Politize: Política Internacional. Brasil. 26 set 2018. Disponível em <<https://www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/>> Acessado em: 20 jan 2021

MONTENEGRO, L., VELASQUEZ, L., LEGRAND, S. et al. **Public Health, HIV Care and Prevention, Human Rights and Democracy at a Crossroad in Brazil**. AIDS Behav 24, 1–4 Jan 2020. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6755066/>> Acessado em 01 jun 2020

MUNIZ, Ricardo. **Intolerância Religião no Brasil**. Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES). ISSN 1981-156X, n. 04, 2006. Disponível em

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/download/7805/5928>
> Acessado em 01 mar 2021

NOGUEIRA, João P; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais**: correntes e debates. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

PECCININ, Luiz Eduardo. O DISCURSO RELIGIOSO NA ARENA POLÍTICA: representação e deliberação democrática no Estado laico. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Jurídicas. Programa de Pós-Graduação em Direito. 2016. Disponível em <https://loja.editoraforum.com.br/image/catalog/pdf/2018/Mar%C3%A7o%20Release_Peccinin.pdf> Acessado em 20 jun 2020

PIRES, BREILLER. Evangélicos progressistas reagem contra a homofobia de pastores e ensaiam avanço na política. **El País**: Brasil. 20 set 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-20/evangelicos-progressistas-reagem-contra-homofobia-de-pastores-e-ensaia-avanco-na-politica.html>> Acessado em 7 mar 2021

PRANDI, R.; SANTOS, R.; BONATO, M. **Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil**. Revista USP, n. 120, p. 43-60, 11 mar. 2019. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155530/151188>> Acessado em 30 abr 2020

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. **Quem tem medo da bancada evangélica?** Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. Tempo Social, v. 29, n. 2, p. 187-214, 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v29n2/1809-4554-ts-29-02-0009.pdf>> Acessado em 05 mar 2021

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **Religiões e voto**: a eleição presidencial de 1994. Opinião Pública, v. 3, n. 1, p. 32-63, 1995. Disponível em <https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IE*BMDM_MDA_01319_/v3n1a02.pdf> Acessado em 05 mar 2021

PUTNAM, Robert D.. **Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis**. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 147-174, Jun 2010. Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200010&lng=en&nrm=iso>. acessado em 25 abr. 2020.

RABELO, Rebeca Souza. **Rodrigo Delmasso Faz Um Balanço De Seu Trabalho Na CLDF, Em Entrevista Exclusiva Ao Portal Empreender Brasília**. Empreender Brasília: Negócios. 26 mar 2021. Disponível em <[https://www.empreenderbrasil.com.br/2021/03/rodrigo-delmasso-faz-um-balanco-de-seu.html?m=1](https://www.empreenderbrasil.com.br/2021/03/rodrigo-delmasso-faz-um-balanco-de-seu-html?m=1)> Acessado em 15 mar 2021

RESENDE, Erica. S. A. **A Direita Cristã e a política externa norte-americana: a construção discursiva da aliança entre Estados Unidos e Israel com base na ideologia evangélico-protestante**. Carta Internacional, v. 5, n. 1, p. 3-20, 13 set. 2016. Disponível em <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/download/526/280>> Acessado em 30 abr de 2020

RIBEIRO, Darcy. **América Latina, a pátria grande**. Editora Guanabara, 1986.

SANTANA, J.V; FERNANDES, CB; e FERREIRA, Benedito de Jesus Pinheiro. Neoliberalism, Reduction of Social Rights, and Social Services in Brazil . J. Hum. Rights Soc. Work vol 3, p. 128-137. 2018. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/326903861_Neoliberalism_Reduction_of_Social_Rights_and_Social_Services_in_Brazil> Acessado em 20 mai 2020

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo**. Mana, v. 13, n. 1, p. 207-236, 2007. Disponível em <> Acessado em 23 fev 2021

SMITH, Amy Erica. **Religion and Brazilian Democracy: Mobilizing the People of God** . Cambridge: Cambridge University Press. Cambridge Studies in Social Theory, Religion and Politics. Mar 2019. Disponível em <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/6377/2019_smith_religion_brazilian_democracy.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acessado em 20 mai 2020

VARELLA, Drauzio. Ideologia de gênero. UOL: Drauzio. Artigos. 16 set 2019. Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/ideologia-de-genero-artigo/#:~:text=Ideologia%20de%20g%C3%AAnero%20%C3%A9%20um,diversidade%20do%20comportamento%20sexual%20humano.>> Acessado em 22 mar 2021.

VEDOVATO, Luís Renato; BARRETO, Michelle Camille. **Tratados Internacionais de Direitos Humanos e o Estado Brasileiro: incentivo na construção de políticas públicas**. RP3–Revista de Pesquisa em Políticas Públicas, v. 1, 2015. Disponível em

<<https://periodicos.unb.br/index.php/rp3/article/download/15260/13571/25924>> Acessado em 23 fev 2021

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. Companhia das Letras. São Paulo. 2004

WEISS, Raquel. **Alguns Elementos da Sociologia da Religião de Max Weber**. 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.